



PARALELISMOS NARRATIVOS: A JORNADA DO HERÓI E A JORNADA DO LOUCO NO TARÔ

LARA JUSSIM FONSECA MACHADO*

O presente artigo tem como objetivo explorar brevemente as questões suscitadas durante parte do período de pesquisa e de estudos no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob orientação acadêmica, cujo tema é “Paralelos Arquetípicos: A Jornada do Herói e a Jornada do Louco no Tarô”. Assim, pretendo averiguar as expectativas prévias no início do estudo e os resultados parcialmente obtidos até então, destacando os sucessos e insucessos decorridos.

Logo, o objetivo inicial da pesquisa resume-se em traçar um paralelo entre a jornada do herói, presente em diversas histórias e mitos da humanidade desde a antiguidade, e a jornada do Louco, presente de forma arquetípica no tarô moderno de Rider-Waite-Smith e em tantos outros. De modo a se analisar os signos, símbolos, arquétipos e narrativas as quais podem vir a suscitar um processo de transformação pessoal e/ou espiritual na psique humana. Vale ainda ressaltar que esta pesquisa busca minimamente desmistificar e ampliar os estudos da tarologia dentro do ambiente acadêmico.

Dando sequência, as bases teóricas principais concentram-se nos conceitos de arquétipos e simbologia por Jung (2014, 2023), conhecido como fundador da psicologia analítica, e no conceito da Jornada do Herói, também chamada por monomito, proposto por Campbell. Desde já, estimo esclarecer que não pretendo concordar

plenamente com a teoria universal do monomito, a qual grosseiramente consiste em unificar todos os mitos da humanidade, desde a antiguidade, em um só modelo pré-definido, o que, por consequência, despreza as diversidades socioculturais humanas. Portanto, neste artigo, o monomito será entendido como um tipo de esqueleto narrativo capaz de compor diversas narrativas paralelas com características semelhantes, no entanto não somente isso, uma vez que ele não deve ser visto como a única forma possível de narrativa. Ademais, a Jornada do Herói pode ser definida como uma jornada cíclica subdividida em diversas etapas, mas, para fins de simplificação, separei apenas em: a partida; as provas; o triunfo; e o retorno.

A partida é o começo da jornada, em que o herói é chamado para a aventura, como o momento em que, por exemplo, Harry Potter recebe sua carta de convite para Hogwarts, ou quando Lúcia Pevensie encontra e entra no guarda-roupa que leva à terra de Nárnia. As provas são os desafios que o herói encontrará no meio do caminho, os quais deverão por ele ser superados. Para Harry Potter, é vencer Voldemort e todos os problemas que o cerca devido a isso; já para os irmãos Pevensie em “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, é vencer a Feiticeira Branca e restaurar Nárnia para a sua glória depois do Inverno de 100 anos. O triunfo é o momento de vitória sobre a prova, em que todos os desafios são enfrentados e todas as lições primordiais são aprendidas: é o momento exato em que Harry Potter mata Voldemort e marca o fim da Segunda Guerra Bruxa, por exemplo. Por fim, o retorno é o herói após vitorioso sobre os desafios impostos ter que voltar para a rotina de antes, como quando os irmãos Pevensie, após governarem em seu reinado da Idade Dourada de Nárnia, voltam para o mundo real e têm que lidar com as banalidades cotidianas após serem reis e rainhas por 15 anos.

Acerca da Jornada do Louco, recorro à interpretação do tarô proposta por Nichols (2002). Contudo, vale ressaltar que, por se tratar de um sistema simbólico que dialoga diretamente com o olhar subjetivo do intérprete, é natural que minha perspectiva não coincida com a de outros tarólogos. Então, a Jornada do Louco no Tarô é representada pelos Arcanos Maiores ou Trunfos, que, de acordo com Nichols, “[...] representam as forças instintuais que operam de modo autônomo nas profundezas da psique humana e que Jung denominou arquétipos. Tais arquétipos funcionam na psique de maneira muito parecida com a que os instintos funcionam no

* Graduada em Letras Português e Literaturas pelo Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso. Possui experiência na área de docência e pesquisa.

corpo.”(2007, p.26), esclarecendo, o conceito de arquétipos:

“indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar[...]o arquétipo é um elemento vazio e formal em si[...] (em que lhe são herdadas) não as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma. Provar a essência dos arquétipos em si é uma possibilidade tão remota quanto a de provar a dos instintos, enquanto eles não são postos em ação *in concreto*.” (JUNG, 2014, p.51-52, 87)

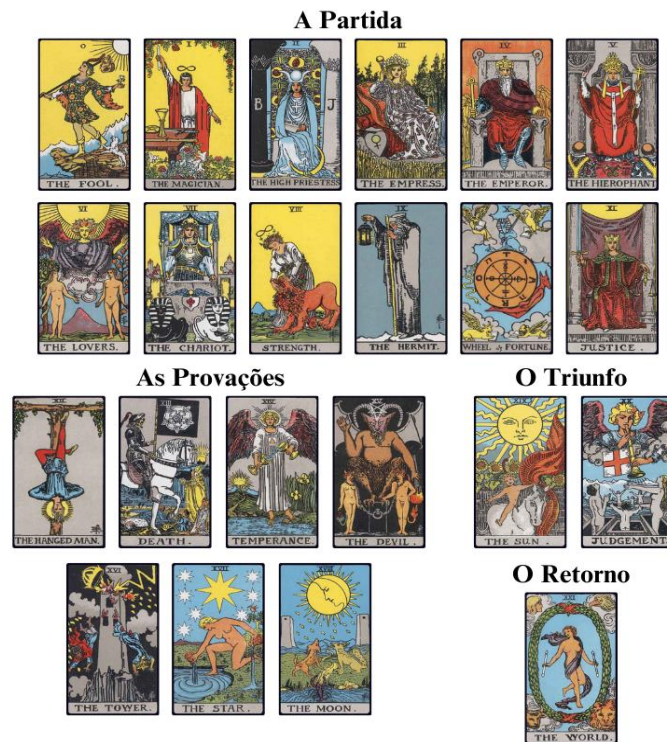
Sendo assim, os Arcanos Maiores no Tarô, que formam a Jornada do Louco, são essencialmente arquétipos, que por sua vez são “imagens primordiais” as quais herdamos de nossos antepassados e são peculiares à espécie, e por ser psíquico, por consequência é pré-formado tal como suas funções, especialmente aquelas que derivam do inconsciente (JUNG, 2014, p. 85-86). Ademais, vale destacar que o conceito de arquétipos está ligado diretamente ao do inconsciente coletivo pois:

[...]os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*. (JUNG, 2014, p. 51)

Assim, partindo desses conceitos base, e seguindo as etapas da Jornada do Herói simplificada anteriormente, os Arcanos Maiores podem ser divididos em: **A partida:** 0 - O Louco, I - O Mago, II - A Sacerdotisa, III - A Imperatriz, IV - O Imperador, V - O Hierofante, VI - Os Enamorados, VII - O Carro, VIII - A Força, IX - O Eremita, X - Roda da Fortuna, XI - A Justiça; **As provações:** XII - O Enforcado, XIII - A Morte, XIV - A Temperança, XV - O Diabo, XVI - A Torre, XVII - A

Estrela, XVIII - A Lua. **O triunfo:** XIX - O Sol, XX - O Julgamento. **O retorno:** XXI - O Mundo.

Figura 1 – Colagem com os Arcanos Maiores do tarô Rider-Waite-Smith.



Fonte: Elaboração própria a partir de *Rider-Waite-Smith Tarot* (1909).

Adequando a Jornada do Louco à Jornada do Herói, aquela seguiria da seguinte forma de acordo com a divisão feita no parágrafo anterior: iniciativa, ação, paciência, nutrição da ideia, concretização da ideia, saber sagrado, decisão, ousadia, domínio sobre os impulsos, introspecção, imprevistos, fazer justiça, estagnação, transformação interna, equilíbrio, conflitos com o ego, transformação externa, esperança, ilusão, realização, redenção e integridade.

A partir daqui, coloco minhas dúvidas em relação às terminologias que apresento acima, pois a primeira divergência que fiz foi usar a ordem das cartas propostas por Rider Waite em vez da que está presente no tarô de Marselha, em que a carta da Justiça e da Força trocam de lugar. Isso afetaria a lógica presente na Jornada do Herói ou a própria jornada se adequaria a ela? Segundamente, os significados das cartas flutuam de acordo com a época de quem as lê, logo isso afetaria também a construção de um paralelo entre as jornadas? Se os arquétipos são uma essência imutável que se adequa à forma que lhes é apresentada, ele poderia se dizer sobre a Jornada do Herói, em que a jornada em si poderia ser considerada um arquétipo, ou seria ela apenas uma forma, um “template” variável? Se o que caracteriza a Jornada do Louco é a carta “0 - O Louco” passar por todas as outras e então recomeçar o ciclo, pode-se dizer que um significado da carta alterar

devido à sua época significa que as jornadas podem ser alteradas pelo inconsciente coletivo de acordo com a necessidade vigente de uma sociedade? Se há sim um certo paralelo entre as duas jornadas, isso ocorreria pela presença de diversos arquétipos em ambas?

Em suma, obtive mais perguntas do que respostas ao decorrer dessa pesquisa, seja no que diz respeito ao funcionamento das jornadas, seja ao funcionamento da significação das cartas em si. Talvez por as jornadas serem cíclicas, as respostas para suas perguntas também sejam um indicativo da necessidade de novos olhares, investigações e experiências que permitam explorar mais a fundo essa complexa teia simbólica.

BANZHAF, Hajo. *O tarô e a jornada do herói: a chave mitológica para compreender a estrutura simbólica oculta nos arcanos maiores*. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Pensamento, 2023.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. 1. ed. São Paulo: Palas Athena Editora, 2023.

JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Harper Collins Brasil, 2023.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô: Uma Jornada Arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 2007.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e Obra*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

TARÔ DE MARSELHA. *Baralho tradicional de origem europeia, com iconografia padronizada datada do século XVII*. [S.l.]: Diversas editoras, [s.d.]. Baralho.

WAITE, Arthur Edward; SMITH, Pamela Colman (il.). *Rider-Waite-Smith Tarot*. Londres: William Rider & Son, 1909. Baralho.